2º SEMESTRE DE 2022

CÓDIGO: MNA805 – ANROPOLOGIA DAS SOCIEDADES COMPLEXAS

DISCIPLINA: Sobre as políticas da vida: crise, carestia e fome

PROFESSOR: Federico Neiburg

TIPO: Livre

N° DE CRÉDITOS: 03 (três), 45 horas aula, 15 sessões

HORÁRIO: Terças-Feiras, das 09h às 13h

INÍCIO DO CURSO: 06/09/2022

Focando questões conceituais e empíricas candentes no nosso presente e, ao mesmo tempo, de longa profundidade histórica, como carestia e fome, o curso propõe um seminário de formação geral em teoria antropológica e em prática etnográfica.

Nos últimos anos, na esteira do colapso climático, da pandemia de Covid-19 e da guerra no centro da Europa, a carestia e a fome tornaram-se assuntos de primeira grandeza no cotidiano das pessoas e das famílias. Também passaram ao primeiro plano no governo da economia, impactando políticas e debates públicos nos âmbitos nacionais e internacionais. No Brasil vive-se o drama da volta ao "mapa da fome", o fato de mais de 15% da população não saber se conseguira se alimentar no dia seguinte, enquanto mais de 60% vivem em situação de "insegurança alimentar".

O aumento custo de vida e a fome viraram assuntos públicos no nosso país já na década de 1930, com a atividade de figuras como o médico Josué de Castro, com renovados debates a respeito da pobreza e das desigualdades sociais e com a implantação de salário-mínimo, em 1941. Na esteira das hiperinflações da década de 1980 e inícios de 1990, a fome ganhou novamente destaque no debate público com a "Campanha contra a fome e pela vida" promovida pelo sociólogo Betinho e, já no início deste século, com a implementação de uma nova geração de políticas públicas visando reforçar a segurança alimentar, o combate à pobreza e às desigualdades. Hoje esses assuntos novamente assombram, com modulações e intensidades singulares, as vidas das populações e a atividade dos experts, não só no Brasil.

Expressões como carestia em português, vida cara em espanhol ou la vie chère, em francês, evocam uma constelação de questões que desafiam a imaginação antropológica, exigindo uma perspetiva radicalmente etnográfica, histórica, comparativa e multi-escalar: como as pessoas se viram diante do aumento dos preços e da perda do valor do dinheiro? Como as disposições incorporadas em crises anteriores modulam as práticas sociais nas novas? Qual é o estatuto dos eventos críticos (como pandemia, guerra, hiperinflação ou escassez) no fluxo das vidas ordinárias das pessoas e das famílias? A oposição entre fomes conceituadas como "estruturais" (ou "endêmicas") e as ligadas a "eventos críticos" ou "crises humanitárias" agitam há décadas os debates entre especialistas e a definição das políticas tendentes a mitigá-las. O mesmo acontece com as disputas a respeito do que sejam os "essenciais para a vida" ou a "cesta básica".

As formas de conceituar e de agir diante das crises articulam diferentes temporalidades, tanto entre os especialistas quanto entre as pessoas e as famílias no seu dia a dia, evocando noções como incerteza, previsão, azar, esperança ou horizonte. As crises ligadas à carestia ou à fome também colocam em evidência políticas da vida. Elas geram desigualdades (incluso em termos de "expectativas de vida"), motivam formas de agir politicamente (como nos motins da fome ou em ações que visam mitigar a crise climática) e, também, demandas de direitos (ligados, por exemplo, aos conceitos de humanidade ou reparação).

Assim, este seminário se situa na fronteira entre a antropologia da vida, da economia, da moralidade, da casa, da família e da comensalidade, das políticas públicas, das formas de governo, das crises e da produção de desigualdades. O curso se articula com projetos desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC) no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, na região de Bel Air, em Port-au-Prince, capital do Haiti e, em perspectiva comparada, a traves de uma rede de pesquisadores situados em outras regiões do Brasil, África do Sul, China, Espanha, Índia, República Democrática do Congo e Estados Unidos. Membros dessas equipes e redes poderão participar em algumas sessões, além de incorporar na bibliografia resultados das suas pesquisas.